



SER MULHER, SER GESTORA: PERCALÇOS E REALIZAÇÕES

Janete Otte ¹

Introdução

A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica que era constituída até dezembro de 2008 de uma Universidade Tecnológica, Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas, Escolas Agrotécnicas e Escolas ou Colégios vinculados às Universidades Federais reuniu-se através da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia com a Lei nº 11.892. No entanto com essa reestruturação da rede, a Universidade Tecnológica do Paraná ficou fora dela e os CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais) e CEFET-RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro) embora continuem na Rede de educação Profissional e Tecnológica, não aderiram aos Institutos Federais.

Deve-se ressaltar que a pesquisa apresentada aqui foi realizada nos CETETs antes da criação dos Institutos Federais.

O presente trabalho apresenta dados sobre a ocupação das mulheres como gestoras nos CEFETs e Escolas Técnicas e parte das entrevistas feitas com duas mulheres gestoras dessas instituições contendo colocações sobre: ser mulher, ser gestora, percalços e realizações.

Far-se-á um breve histórico sobre essas instituições, seguido da demonstração do quadro de mulheres que atuaram ou atuam na direção-geral delas. Logo após descreveremos brevemente a metodologia utilizada durante a pesquisa. Segue-se com uma parte da análise feita com duas mulheres que foram alvo principal da pesquisa, no diz respeito à escolarização, profissionalização, discriminação e realizações encontradas nas trajetórias dessas mulheres e na conclusão, algumas considerações sobre a pesquisa e as questões apresentadas.

Deve-se observar que o presente artigo contém partes da dissertação de mestrado sobre “A Mulher na Gestão das Instituições Federais: Um Olhar nos Centros Federais de Educação Tecnológica (OTTE, 2008).²

Breve histórico dos CEFETs

Os CEFETs, segundo Otte (2008, p.33-34), passaram por várias modificações nas suas trajetórias como escolas profissionalizantes. Iniciaram em 1909 como "Escolas de Aprendiz

¹ Mestre em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Janete@ifsul.edu.br

² O presente artigo é produto de minha dissertação de mestrado que foi orientada pela Prf^a Dr^a Wivian Weller.



Artífices" através do Decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909, pelo então Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Nilo Peçanha, em execução da Lei n.º 1.606, de 29 de dezembro de 1906, mais tarde transformados em Liceus de Artes e Ofícios, Escolas Técnicas, Escolas Técnicas Federais, Centros Federais de Educação Tecnológica, Universidade Tecnológica e em dezembro de 2008 em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

A mulher na gestão dos CEFETs

Segundo Otte (2008, p. 35-37), em outubro de 2008, haviam seis mulheres atuando na Direção-Geral de CEFETs (Bento Gonçalves/RS, Santa Catarina, Bahia, Campos-RJ, Palmas/TO e Colégio PedroII).

O quadro de mulheres como Diretoras-Gerais dessas instituições têm aumentado nas últimas duas décadas, mas o percentual em termos de anos de atuação fica muito aquém àquele do sexo masculino.

A seguir apresenta-se o quadro de Diretoras-Gerais que atuaram em algum CEFET no Brasil desde 1909 até 2008.

Nome	CEFET	Data
Yolanda Ferreira Pinto	Pará	1968 - 1979
Edna Maria de Albuquerque Affi	Mato Grosso	1976 - 1986
Judiht Evangelista Guimarães	Mato Grosso	1986-1990
Luzia Vieira de França	Rio Grande do Norte	1985-1991
Lenalda Dias dos Santos	Sergipe	1991-1995
Maria Célia Freire de Carvalho	Nilópolis- RJ	1993 - 1998
Rita Martins de Cássia	Piauí	1994-2004
Soni de Carvalho	Santa Catarina	1994-1998
Waléria Kulkamp Haeming (pro-tempore)	Santa Catarina	1999-1999
Maria Helena Passos de Alencar (pro-tempore)	Pernambuco	2002-2003
Maria da Glória Santos Laia*	Ouro Preto–MG– Pró-Têmpore em Tocantins	2002-2007 Jan/2008-
Consuelo Aparecida Sielski Santos*	Santa Catarina	2003-2007 e 2007 -
Aurina Oliveira Santana*	Bahia	Desde 2006
Claudia Schiedeck Soares de Souza*	Bento Gonçalves- RS	Desde 2007
Cibele Daher Botelho Monteiro*	Campos- RJ	Desde 2008
Vera Maria Ferreira Rodrigues	Colégio Pedro II	Desde 2008

Figura 1 – Quadro de mulheres que estiveram ou estão na direção geral dos CEFETs.

Como pode-se observar no quadro acima, em outubro de 2008, seis mulheres estavam à frente da direção geral de CEFETs e 30 homens, totalizando as 36 instituições dessa rede.

* A partir do dia 29 de janeiro de 2009 passaram a Reitoras Pro-tempores, quando da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e são Reitoras até a presente data.



Metodologia Utilizada na Pesquisa

A pesquisa foi realizada utilizando-se uma abordagem qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986; MINAYO, 1993; BOGDAN e BLIKEN, 1994, TERRAGNI, 2005), com a realização da entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002; FLICK, 2004, APPEL, 2005). A entrevista narrativa buscou o relato das experiências pessoais e profissionais.

A análise foi orientada pela proposta de Schütze (cf. APPEL, 2005; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002) e pelo método documentário de interpretação desenvolvido por Ralf Bohnsack, cujas bases teóricas reportam à Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim, à Fenomenologia Social de Alfred Schütz, ao Interacionismo Simbólico e à Etnometodologia (cf. WELLER, 2005 e BOHNSACK e WELLER, 2006). As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. Reforçando a técnica, cita-se: “A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um(a) entrevistado(a) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 93).

Ao todo foram entrevistadas dez diretoras, mas, transcrever-se-á neste trabalho, partes de apenas duas entrevistas em profundidade, com o objetivo de apresentar trajetórias biográficas e percursos profissionais distintos de mulheres de diferentes regiões do Brasil.

Um pouco dessas Mulheres: Ana e Iracema

Ana tem 55 anos, é parda (percepção da pesquisadora), divorciada, tem três filhos: dois do sexo masculino e um do sexo feminino. Os filhos homens são casados e um deles é pai. A filha é solteira. Sua mãe é viúva. Os pais de Ana tiveram quatro filhos e foram casados cinquenta e quatro anos (o pai já faleceu). A mãe de Ana tem o segundo grau completo e é aposentada. Seu pai tinha o primeiro grau completo. Ana foi criada pelos avós paternos e por duas tias “moça velha”, sendo ainda a neta mais velha.

Estudou da 1ª à 4ª série em escola pública, da 5ª à 8ª série e o ensino médio em escola particular. Formou-se em Química Industrial e Química (Licenciatura), por uma universidade federal.

Ingressou no CEFET em 1992 e atuou como coordenadora de curso, chefe de departamento e, mais recentemente, assumiu a direção da Unidade Descentralizada do CEFET-ST.

Ana conta sua trajetória de vida de forma bastante intensa. Ao relatar sobre seu curso universitário considera tê-lo concluído normalmente, mas no decorrer da entrevista percebe-se que



ela deixou de falar sobre uma parte importante quando se trata de uma trajetória de vida. “Consegui concluir o curso né e logo assim me casei e tive- comecei a ter os filhos então eu parei um pouco assim não me preocupei com o mercado de trabalho” (L. 20-22). Ouvindo essa parte poderíamos dizer que ela simplesmente simplificou as explicações sobre o seu tempo na universidade, mas não foi somente isso que aconteceu. No decorrer do curso, conheceu seu futuro marido, como relata a seguir:

Af.: ...eu fiz dois anos no curso de Química e meu ex-marido foi meu-era meu professor, nos conhecemos, ele como meu professor e com o namoro e tal ele, tinha recém entrado na universidade né e ele foi fazer o mestrado na cidade FX e quando ele foi fazer o mestrado- não, ele foi ainda namorava, no mestrado, mas logo que ele foi fazer o mestrado, ele quis casar, né, e eu tive que trancar o meu curso porque ele já tinha um ano de mestrado era mais um ano mas acabou esse mestrado se estendendo e eu tinha direito de trancar o curso por três anos, acabei passando três anos com o curso parado, né, quando eu retornei, ((10)) então passei três anos com o curso trancado e quando eu voltei, que eu retornei (L.271-280).

Essa fala de Ana sobre a ruptura entre o início e o término de seus estudos, ocorre em um momento posterior da entrevista e assim faz também a explanação de como aconteceu o trancamento de sua matrícula, o seu casamento, seu afastamento da cidade e o seu retorno posterior para concluir os estudos. Conta que conheceu seu marido, quando foi seu professor na universidade e que, como ele tinha ido fazer mestrado numa outra cidade enquanto eles ainda namoravam, ele quis casar e que ela se mudasse com ele para outra cidade. Nesse momento, o “ele” fala mais alto e para Ana permanece uma única opção: “eu” tive que trancar o meu curso.

Quando sua filha menor tinha cinco anos e começou a ir para a escola juntamente com os irmãos, ela pensou que podia voltar a desenvolver algum trabalho, além de ser dona de casa e mãe. Essa decisão implicou uma sobrecarga de trabalho, como se vê a seguir:

Af.:Eu tinha muito apoio do meu ex-marido, né, do pai dos meus filhos, um apoio assim entendeu fora de série, irreparável, eu saía acordava cedo de manhã e levava- e deixava, se não tinha empregada, eu deixava a farda pronta, a comida pronta, alguma coisa só pra ele concluir 11 horas e ele trabalhava, era professor da universidade ia pra- me dedicava no trabalho às vezes eu ia de ônibus mesmo pra Fundação PXB e ele ia pro serviço e meus filhos estudavam sós e davam contra da sua atribuição eles mesmo preparavam o dever deles né e a gente só acompanhava olha tá faltando isso aqui, entendeu, assim mas eles se viravam sozinhos os três estudando só tinham aquele apoio boa noite ou então nesse intervalo de almoço ou meu, ou do pai, né e assim, a gente foi levando, mas numa paz, numa tranquilidade muito boa, entendeu, com o apoio que eu tinha total do [[meu ex-marido e meus filhos também né porque eles aguentavam né as vezes finais de semana...professor tem que estudar, preparar aula, essa atividade docente que a gente conhece então eu vinha pra casa e às vezes final de semana eu fazia isso e as vezes o pai levava eles porque não dá eu não tinha condição, levava eles a praia, a alguma diversão, quer dizer algumas vezes eu privei com eles, ou eu só, entendeu, da diversão do final de semana e assim foi a minha vida(L. 184-206).

Nas falas acima, percebe-se que Ana está completamente envolvida com a função de ser mãe e esposa, e cada coisa que deixa de fazer neste sentido recai como uma falta sua quanto às funções que acredita ter que desempenhar. A parceria do marido que leva os filhos para a escola ou



para passear é vista como uma grande contribuição, como se ele estivesse fazendo mais do que o esperado de um pai.

E assim Ana foi enfrentando as diversas etapas que se apresentaram em sua vida. Estudando, trabalhando, cuidando dos filhos, da casa e do marido. Algumas etapas foram concluídas e outras permanecem abertas.

Além de professora, profissão que aprendeu a gostar e a desenvolver com grande capacidade, também ocupou outros cargos até chegar à condição de diretora de uma Unidade Descentralizada, demonstrando que cada conquista foi fruto de seu empenho. Desde o seu ingresso, em 1992, até os dias atuais, ela construiu sua história no CEFET.

Af.: No meu trabalho, me preocupa muito, como diretora, foi um desafio muito grande o prof. Julio ter me convidado agradeço demais a ele esse momento que passei na minha vida e que eu fui convidada, foi uma outra história de vida, um outro trabalho um empenho muito grande do trabalho que isso preencheu muito um pouco do meu vazio entendeu dos meus pensamentos que eu me dediquei totalmente a essa Uned ao meu trabalho mais ainda que eu me dedicava, isso pra mim foi assim de grande, não sei como agradecer(L.336-342).

O cargo de Diretora desta unidade veio mediante convite do atual Diretor Geral que a chamou para um grande desafio, pois não foi só o de assumir uma direção de Unidade, mas o de implantar uma nova Unidade, isto quer dizer começar uma escola da estaca zero.

Diz nunca ter se sentido discriminada, mas relembra com angústia os momentos em que ficava em casa limpando, passando roupa e fazendo comida, ditos “deveres de mulher”, enquanto seu marido e os filhos passeavam na praia e no clube nos finais de semana.

Ana teve momentos marcantes em sua vida, obstáculos que poderiam tê-la feito, apenas, manter-se no papel de mãe e deixado de lado os seus objetivos profissionais, mas não o fez, muito pelo contrário, foi exatamente nos momentos mais difíceis e quando parecia mais trabalhoso desempenhar vários papéis simultaneamente que ela buscou forças para se aprimorar na profissão, garantindo seu espaço embasado pelo seu fazer profissional.

Iracema

Iracema tem 54 anos, é negra, casada, tem três filhos: dois homens e uma mulher e um neto. Os pais de Iracema tiveram nove filhos e já são falecidos. Uma irmã de Iracema também é falecida. Seu pai tinha o ensino fundamental e trabalhava como autônomo, e sua mãe também tinha o ensino fundamental completo e era doméstica. Seu marido é técnico em manutenção e possui o curso superior completo.



Sua formação é Técnica em Eletrotécnica e Licenciada em Pedagogia e Sociologia. Todo o seu estudo da primeira série do ensino fundamental ao curso superior foi feito em escola pública.

Começou a trabalhar como estagiária na Escola Técnica e depois como professora no mesmo local, onde está até hoje. Paralelamente ministrou aulas nos cursos de licenciatura na Universidade Estadual do seu estado. Durante seu percurso dentro da Instituição foi coordenadora de curso, integrante de comissões de avaliação docente até assumir a Direção Geral em fevereiro de dois mil e seis e hoje Reitora.

A seguir transcreveremos algumas falas de Iracema sobre sua trajetória de vida:

Af: Eu sou assim a irmã do meio e aí nós fomos assim estudar, sempre estudando em escola pública eu venho de uma família humilde, de uma família trabalhadora sacrificada também né mas assim eu tive uma infância legal, uma infância boa bem assistida pelos pais graças a Deus, mas que também não foi por muito tempo porque aos 15 anos eu perco minha mãe e aí também eu passo a ter uma responsabilidade maior com a família eu sempre fui a provedora de família porque aos 15 anos quando minha mãe morreu meu- já estava, logo depois, dois anos depois meu pai também morreu e eu era a mais velha, solteira na família porque os meus irmãos maiores já eram todos casados então na verdade eu fico com uma responsabilidade muito grande com os quatro irmãos menores e concluí os estudos na Escola Técnica comecei a trabalhar e aí provedora da família mesmo de tá ajudando de tá fazendo os irmão trabalharem (L.94-104).

Iracema é a irmã do meio desses nove irmãos. Diz ser de uma família humilde e, ao fazê-lo, está se referindo à condição financeira a que pertenciam e ainda reforça ser de uma família trabalhadora e sacrificada, sendo que o “sacrificada” não foi detalhado por Iracema. Ressalta que tiveram assistência dos pais na infância e também diz ter sido muito boa, que todos sempre estudaram, registrando, ainda, que estudavam em escola pública e que sempre foi proporcionado a todos os irmãos o acesso à educação.

Quando Iracema tinha quinze anos e concluído o ensino fundamental, sua mãe ficou doente e ela teve que parar de estudar para cuidar dela; em seguida a mãe faleceu. Dois anos após a morte da mãe, o pai também faleceu, Iracema, que era a filha mais velha solteira passou a tomar conta dos seus quatro irmãos mais novos. Com dezessete anos de idade e os irmãos mais velhos já casados e morando com suas famílias, ficou para Iracema o cargo de provedora, mantenedora, de uma família de cinco pessoas, ela e os quatro irmãos.

Na sua formação escolar, Iracema opta pelo curso Técnico em Eletrotécnica. Pra tal escolha conta com a motivação dos amigos e de sua prima. Fez a prova do processo seletivo, passou e cursou o segundo grau profissionalizante de 1971 a 1973.

Af.:Aí eu já quero fazer uma ressalva que eu fui aluna de um curso que na época era um curso masculino, né eu fui aluna de Eletrotécnica que era assim um curso bem masculino pra você ter idéia eu fui a única mulher da turma eram 28 homens e eu era a única mulher da turma sendo a segunda na Escola Técnica Federal do Estado-HD a segunda mulher do curso nesse tempo(L.32-37).



Iracema faz uma ressalva na sua fala para salientar que o curso de Eletrotécnica, em 1971, era um curso bem masculino, e que ela era a única mulher na sala de aula, em uma turma de 29 alunos, e ainda, foi a segunda mulher dentro daquela escola a fazer este curso. Apesar dessas dificuldades, ela foi em frente e se dedicou a estudar muito para vencer os obstáculos que iam se apresentando.

Logo após ter concluído o curso convidaram-na a continuar na Escola como Auxiliar Técnica e futuramente como Professora dentro do Curso Técnico de Eletrotécnica.

Nesse momento, unem-se o antigo desejo em ser professora, quando da idéia em fazer o curso “normal” na escola que frequentara, a formação técnica adquirida no Curso Técnico em Eletrotécnica e a oportunidade em exercer a docência na escola técnica.

A vida de Iracema vai se construindo dentro da escola, através das muitas atividades que desenvolveu como professora, auxiliando em atividades sindicais, desenvolvimento da carreira e nas coordenações e comissões, o que fez com que a comunidade de sua Escola sugerisse a sua candidatura para Diretora Geral desta Instituição.

Af: Bom a gente começa uma carreira na escola, foi assim, uma carreira que as pessoas começaram a acreditar muito porque eu primeiro a minha-minha primeira experiência foi no sindicato então como eu sempre gostei de-de-de estar fazendo aqueles cálculos de carreira tudo aquilo de estudos de carreira regime jurídico único não sei o que lá, tudo que aparecia de legislação eu gostava de interpretar então foi sempre assim a aí as pessoas sempre e a gente sabe que nas escolas é sempre assim né tem um grande número de pessoas que só querem saber o resultado então sempre me procuravam ah! Iracema eu sei que você já leu me diz aí como é que tá me diz aí como é que ficou e tal, então a gente caminhou junto com o sindicato o tempo inteiro(L.264-273).

Iracema participou quatro vezes como candidata a Diretora Geral da instituição em que trabalhava. Perdeu a primeira e venceu as outras três, mas só assumiu a função na última eleição. A escolha era feita pela comunidade escolar e encaminhada ao Ministro da educação em Brasília em lista tríplice os nomes dos três primeiros classificados e por Ele era feita a escolha. Por motivos vários aconteceu que, embora tivesse vencido nas eleições, o seu nome ao passar pelo Conselho da instituição mudava de posição antes de ser enviado ao Ministro. Somente na última eleição, quando já havia saído o novo Decreto³ de 2003, onde consta que somente o nome do mais votado deveria ser enviado, é que Iracema, vence e assume a função de Diretora Geral do CEFET do Estado-HD. Isso causou grande indignação dentro da Instituição e os Diretores que assumiram na condição de “não ser o eleito” tiveram dificuldades em conduzir tal Escola. A seguir cita-se uma fala sobre o resultado de uma das eleições:

³ Mais informações disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/Decreto_4877.pdf > Acesso em 03 de out. 2008



A trajetória de Iracema desde o tempo de aluna, auxiliar de ensino, professora, coordenadora de curso, participante em comissões, candidata a Diretora Geral do CEFET-HD em quatro eleições e a sua posse, é vista a partir da perspectiva atual como uma experiência muito rica na sua vida profissional. Construiu sua carreira degrau por degrau, vencendo obstáculos, preconceitos, posicionamentos contrários, adversidades, mas não desistiu, foi em frente. Cada dificuldade foi transformada em mais um desafio, e cada desafio vencido vinha o momento de começar o seguinte.

Como nos fala Louro (1997), com estas trajetórias e resultados da pesquisa, está-se trazendo para o meio acadêmico, especificamente para os CEFETs e Universidades, questões que mobilizam as militantes feministas, ou seja, os aspectos que incomodam, que causam diferenciações no tratamento e nas oportunidades oferecidas às mulheres.

O aumento na escolarização feminina tem contribuído no acesso aos cargos mais bem remunerados (MARUARI, 2003), o que está possibilitando a chegada das mulheres aos cargos de gestão.

No entanto, enquanto a jornada familiar continua sendo de responsabilidade da mulher (GARDEY, 2003), existem indícios de que essa realidade pode vir a ser mais bem dividida entre os membros da família, ou, pelo menos, entre o homem e a mulher.

Considerações Finais

Reunir as informações desta pesquisa é uma forma de contribuição acadêmica, pois tenta-se compatibilizar e harmonizar as realidades levantadas com o significado que elas possuem, para que, ao torná-las de domínio público, consigam atingir os objetivos de esclarecimentos e divulgação do não mais silencioso trabalho das mulheres na gestão da importante rede CEFET.

Conhecer suas histórias pode não fazer compreender completamente o momento presente, mas identifica os valores que as mulheres possuem, por tanto tempo escondidos no silêncio das suas ausências de expressão, principalmente no campo profissional em cuja área de atuação predomina o gênero masculino.

O que se percebe é que "elas" estão deixando o anonimato, o trabalho silencioso, para fazer valer suas angústias, suas idéias, suas buscas, seus objetivos, suas opiniões.

No entanto, a igualdade de oportunidades, o acesso à educação, a livre escolha da profissão, as mesmas oportunidades de ocupações nos postos de trabalho e a sua ascensão a cargos gerenciais ainda deixam a desejar.



Bibliografia

- APPEL, Michael. **La entrevista autobiográfica narrativa: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes em México.** Forum Qualitative Sozialforschung/Fórum Qualitative Social Research (On-line Journal), 2005, Vol. 6 n.2, Art. 16 <<http://www.qualitativeveresearch.net/fqs-texte/2-05/05-2-16-s.htm>>.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, San Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. **O método documentário e sua utilização em grupos de discussão.** Educação em Foco. Juiz de For, v. 11, n. 2, p. 19-38, 2006.
- FLICH, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004. pp. 89-108.
- GARDEY, Delphine. Perspectivas Históicas In. MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. **As Novas Fronteiras da Desigualdade Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho.** São Paulo: Editora Senac, 2003.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W.. Entrevista Narrativa: In: Bauer, Martin; Gaskell, George: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 90-113.
- LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. E. D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MARUANI, Margaret. Introdução In: MARUANI, Margaret.; HIRATA, Helena. **As Novas Fronteiras da Desigualdade Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho.** São Paulo: Editora Senac, 2003.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993. 269p.
- OTTE, Janete. **Trajetória de mulheres na gestão de instituições públicas profissionalizantes: um olhar sobre os Centros Federais de Educação Tecnológica.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp087077.pdf>. acesso em 09 de fev. de 2010.
- SCHÜTZE, Fritz: **Pressure and Guilt: War experiences of a Young german soldier and their biographical implication.** International Sociology. 1992, v. 7, n. 2, p. 187-208 (part 1); v. 7, n. 3, p. 347-367 (part 2).
- TERRAGNI, Laura. A Pesquisa de Gênero In: MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva. Pesquisa qualitativa e cultura.** Trad. Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.141-163.



WELLER, Wivian. A Contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**. Porto alegre, n. 13, p. 260-300, jan/abr. 2005 [www.cielo.br/pdf/soc/n13/23564.pdf]